

O vínculo no trabalho terapêutico fonoaudiológico com grupos

Silvia Friedman*

Juliana Chica Lopes**

Márcia Generoso Ribeiro***

Resumo

Objetivo: compreender a configuração dos vínculos no processo terapêutico fonoaudiológico grupal. **Método:** foram filmados, em sessões de uma hora de duração, dois grupos terapêuticos formados um por 4 e outro por 3 adolescentes, uma vez por mês, durante um período de 5 meses, perfazendo um total de 10 filmagens. A partir da transcrição e de registros de informações sobre a cena, os dados foram analisados com base na literatura sobre vínculo apresentada. **Resultados:** os vínculos se configuram a partir de: elementos que funcionam como conectores do grupo – objetos concretos como jogos e também temas de conhecimento mútuo, acordos e regras compartilhados; de papéis assumidos pelos participantes do grupo; do compartilhamento de vivências, interesses e sentimentos comuns e da ascensão de um projeto vital compartilhado. **Conclusão:** O processo de configuração de vínculo no âmbito terapêutico fonoaudiológico foi de desenvolvimento, tanto de atitudes socioculturais, como de linguagem.

Palavras-chave: vínculo, grupo, clínica fonoaudiológica.

Abstract

Purpose: To understand the configuration of linkages in speech and language therapeutic group process. **Method:** we filmed one hour sessions of two therapeutic groups, one with 4 and one with 3 adolescents, once a month, during 5 months, bringing up 10 shots. The films were transcribed and added to registration of scene information to be analyzed based on the literature presented. **Results:** the linkages were formed: from elements that acted as connectors of the group – concrete objects such as games and also issues of mutual knowledge, sharing of agreements and rules; from roles assumed by the group members; from sharing common experiences, interests and feelings; from the rise up of a common vital project. **Conclusion:** the linkage configuration processes in speech and language therapeutic group developed at one time socio-cultural attitudes and language.

Keywords: linkage, group, speech and language therapy.

Resumen

Objetivo: comprender la configuración de los vínculos en el proceso terapéutico fonoaudiológico grupal. **Método:** fueron filmados, en sesiones de una hora de duración, dos grupos terapêuticos formados uno por 4 y otro por 3 adolescentes, una vez por semana, durante un período de 5 meses, con un total

* Professora Titular do Curso de Fonoaudiologia Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; ** Mestre em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; *** Mestranda em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

de 10 filmes. A partir de la transcripción y de registros de información sobre las cenas, los datos fueron analizados con base en la literatura sobre vínculo presentada. **Resultados:** los vínculos se configuraron a partir: de elementos que funcionan como conectores del grupo – objetos concretos como juegos y también temas de conocimiento común, acuerdos y reglas compartidos; de roles asumidos por los participantes del grupo; del compartir vivencias, intereses y sentimientos comunes y del surgimiento de un proyecto vital compartido. **Conclusión:** el proceso de formación de vínculos en la terapia fonoaudiológica fue de desarrollo tanto de actitudes socioculturales como de lenguaje.

Palabras claves: vínculo, grupo, clínica fonoaudiológica.

Introdução

Os temas terapia em grupo e vínculo são ainda pouco discutidos na literatura fonoaudiológica, entretanto, na prática clínico-terapêutica o trabalho em grupo tem estado cada vez mais presente.

Na interação grupal cada participante traz sua vivência singular e esta vai se articulando com as vivências dos outros membros. Assim, o funcionamento de um grupo envolve a criação de vínculos entre as pessoas, ou seja, envolve uma relação entre subjetividades.

Esse aspecto motivou o objetivo da presente pesquisa, que é o de compreender como se configuram os vínculos no processo terapêutico grupal.

Para se entender a configuração do vínculo no processo terapêutico grupal apresentam-se, a seguir, algumas noções sobre grupo e sobre relações intersubjetivas.

O embasamento teórico sobre grupos apoia-se em conceitos de Zimerman¹ e Kaës².

Segundo Zimerman¹ o conceito de grupo deve levar em conta a existência de alguma forma de interação afetiva entre seus membros. Essa interação é o que possibilita aos sujeitos estarem inseridos em grupos sociais e ela acontece através de um permanente jogo dialético entre a busca de identidade individual e de identidade grupal e social.

Kaës² propõe que desde o nascimento os seres humanos estão inseridos em grupos sociais e no decorrer do seu desenvolvimento e crescimento vão se organizando em novos e diferentes grupos. Propõe ainda que no espaço grupal há uma dimensão inconsciente que se constitui a partir do jogo de identificações e projeções que organizam operações e o funcionamento integrado das subjetividades; que no grupo há um conector, ou seja, um elemento que organiza a dispersão dos conteúdos manifestos pelos sujeitos, operando na ligação e integração

entre os elementos do grupo; que no grupo há uma heterogeneidade parcial, caracterizada por uma dimensão singular – que compõe cada subjetividade – e uma dimensão coletiva – compartilhada entre as subjetividades.

O embasamento teórico sobre relações intersubjetivas, ou seja, sobre vínculos, apóia-se em Käs², Berenstein e Puget³ e Pichon Riviére⁴.

Segundo Käs² os vínculos que se constituem nos grupos são elos entre os sujeitos, sendo, portanto, vínculos intersubjetivos, assumidos como constitutivos da subjetividade. O estabelecimento de vínculos no grupo terapêutico permite e favorece trocas intersubjetivas; o conhecimento de si e dos outros e a expressão de afetos.

Para Berenstein e Puget³ a constituição de vínculos é regida pelo parâmetro sócio cultural de um projeto vital compartilhado. Isso se refere à ação de unir representações do que será realizado e conquistado em um tempo futuro, sendo que essa realização depende da aquisição de uma linguagem com significado compartilhado, que ocupará um tempo e espaço na mente de cada um. Refere-se também à noção de acordos e pactos inconscientes, que são relações contratuais estabelecidas ao redor desses parâmetros.

Para Pichon Riviére⁴ o conceito de vínculo é sempre social e se concebe através da repetição das histórias das relações interpessoais do sujeito, compostas por vínculos antes determinados em um tempo e espaço. Para o autor é a partir do vínculo que a personalidade do sujeito se configura, assumindo particularidades a partir de cada relação singular. Assim a configuração dependerá, não só de cada sujeito, mas também do contexto social. Além disso, para o autor a situação vincular inclui a noção de papel que se caracteriza por ser transitória e por ter uma função determinada de acordo com as situações. Assim, todos os indivíduos apresentam

possibilidades de desempenhar diferentes papéis em suas vivências sociais, como por exemplo, assumir o papel de professor, de terapeuta, de pai, entre outros.

Nas relações interpessoais há um intercâmbio entre “assunção” de papéis, quando se assumem papéis de maneira consciente e voluntária e “adjudicação” de papéis, quando um determinado papel é assumido inconscientemente. A assunção e adjudicação de papéis podem ocorrer por meio de mecanismos de “identificação projetiva”: uma identificação com o outro, uma associação entre a história pessoal e a de outra pessoa, e de “identificação introjetiva”: uma associação com a história pessoal da própria pessoa, que reforça o emocional do momento, ou seja, uma identificação dentro de si mesmo⁴.

Método

Trata-se de pesquisa participativa, qualitativa, de natureza exploratória, do tipo estudo de caso. Os dados foram obtidos de atendimentos clínico-terapêuticos fonoaudiológicos com dois grupos de adolescentes, realizados por uma das pesquisadoras num posto de saúde do município de Carapicuíba – SP. Para obtê-los foram respeitados os preceitos da ética em pesquisa com humanos, tendo sido, os pais das crianças e a direção da instituição, informados sobre os objetivos da pesquisa e tendo estes assinado os devidos termo de consentimento. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no protocolo nº 054/2006.

Coleta de Dados

Os adolescentes eram atendidos uma vez por semana em sessões com trinta minutos de duração. Uma sessão por mês de cada um dos grupos terapêuticos foi filmada, ao longo do processo, que durou 5 meses. Foram realizadas, portanto, 10 filmagens, 5 para cada grupo.

Material

Câmara de filmar Sony Modelo DCR-TRV 140 Digital 8 colocada num tripé no canto da sala de modo a capturar a cena terapêutica.

Dados dos sujeitos

A pesquisa foi realizada na Casa do Adolescente em Carapicuíba, instituição pública vinculada à secretaria municipal de saúde e medicina preventiva do município de Carapicuíba, responsável por atender pessoas entre os 10 e 19 anos de idade. A instituição encara a adolescência como fase peculiar do desenvolvimento humano, caracterizado por intenso crescimento e desenvolvimento que resulta em transformações acentuadas no que diz respeito a aspectos físicos, psicológicos e sociais, transformações que envolvem o corpo, a relação consigo, e também as relações com a família e os outros. O objetivo da instituição é promover o atendimento à saúde integral do adolescente por meio de abordagem diferenciada que leve em conta as características específicas desta fase do desenvolvimento humano. Esse atendimento é oferecido por uma equipe interdisciplinar de atenção à saúde e segue duas estratégias de atendimento: individual e grupal. A equipe interdisciplinar é composta por hebiatra (médico de adolescentes), ginecologista, psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo, neurologista, assistente social, pedagogo, endocrinologista e nutricionista. A fonoaudióloga realizava triagens e encaminhava os casos para atendimento em postos de saúde ou os elencava num documento constituindo uma fila de espera dentro da Casa do Adolescente. O trabalho fonoaudiológico se expandiu quando uma das autoras do presente trabalho ingressou na instituição e passou a realizar não apenas as triagens, mas também a avaliação fonoaudiológica e o atendimento terapêutico, dando andar à fila de espera.

Todos os adolescentes que fazem parte do presente estudo, de acordo com as regras da instituição, haviam passado por triagem inicial e estavam em fila de espera quando foram chamados pela referida fonoaudióloga para passarem por avaliação fonoaudiológica. Para efetivar a constituição dos grupos também entrevistou-se os pais. Este trabalho mostrou que todos os adolescentes tinham condições de participar de um atendimento grupal de modo produtivo. A fonoaudióloga optou pela formação de grupos de 4 pessoas por considerar que não teria condições de trabalhar com grupos maiores.

Todos os nomes usados são fictícios. O Grupo 1 foi composto por 4 adolescentes: Leandro de 14 anos de idade, Laura de 12, Lucas de 13 e Luiz Fernando de 13. Os três primeiros procuraram o

atendimento a pedido da escola, tendo sido especificado que Leandro apresentava dificuldades de aprendizagem e Laura dificuldade de leitura e escrita. O último procurou o atendimento porque, segundo a mãe, falava enrolado e escrevia como falava.

O Grupo 2 foi composto por 3 adolescentes: Gabriel, Graziela e Gustavo, todos com 11 anos de idade. Os dois primeiros procuraram o atendimento porque, segundo suas mães, falavam errado e o último veio encaminhado pela psicopedagoga da instituição que o acompanhava há 1 ano por problemas de leitura e escrita.

Análise dos dados

Os filmes foram transcritos em ortografia regular e acrescidos de dados do registro de informações sobre a cena. A análise foi realizada com base nas concepções delineadas sobre grupo e sobre vínculo, sendo que a respeito de linguagem seguiu-se a concepção interacionista.

Resultados e Discussão

Grupo 1

Encontro 1

Ao primeiro atendimento compareceram todos os integrantes. O tema abordado girou em torno daquilo que sabiam mutuamente a respeito de cada um. Sugeriu-se que se apresentassem dizendo nome, idade e motivo pelo qual estavam no grupo de terapia fonoaudiológica. Todos se apresentaram dizendo seus nomes e idades. A questão do porquê estavam ali não foi abordada por ninguém, embora todos tivessem presenciado conversa prévia sobre isso, mantida entre a fonoaudióloga e suas mães. A seguir, propôs-se que escolhessem um jogo entre os que estavam em cima de uma mesa. Luiz Fernando sugeriu o dominó e os demais reforçaram a escolha. Após explicitaram-se as regras do jogo este foi iniciado permitindo a primeira interação entre os adolescentes.

Análise

Todos terem evitado falar sobre o motivo pelo qual estavam em terapia criou algo em comum entre os membros do grupo e, portanto, um vínculo. Coerentemente com essa evitação, eles pouco se olharam, mas olharam bastante para a terapeuta.

A ela só se dirigiram verbalmente quando ela lhes pedia alguma informação. Isso sugeriu um estado de inibição em relação à situação. Não houve, nessa sessão, qualquer conversa entre os integrantes do grupo, mesmo participando todos do jogo de dominó. Talvez se mostrassem pouco a vontade para falar sobre seus problemas, exatamente, porque tinham um. Com o início do jogo, porém, os integrantes do grupo começaram a compartilhar uma atividade e surgiu a iniciativa de vinculação pelo olhar. Assim, nesse primeiro encontro o jogo desempenhou a função que Käs² chamou de conector, o elemento que integra o grupo.

Encontro 2

A essa sessão compareceram apenas Laura e Luiz Fernando. Após os cumprimentos iniciais, propôs-se que escolhessem uma atividade a partir do que se encontrava sobre a mesa: jogos, papel, canetas esferográficas, canetas hidrográficas e lápis de cor. Luiz Fernando tomou a iniciativa e propôs jogarem. Laura acatou. Sugeriu-se que escolhessem o jogo. Laura novamente deixou a decisão para Luiz Fernando que escolheu o jogo de mímica. Nenhum dos dois conhecia o jogo. A pedido deles as regras foram lidas pela terapeuta. Após duas rodadas Laura quis parar. Luiz Fernando concordou e ambos solicitaram mudança de jogo. A terapeuta perguntou o porquê. Laura disse que o jogo era muito difícil, que não sabia fazer mímica. Já Luiz Fernando disse que tinha vergonha de fazer mímica e Laura concordou com ele.

Análise

Novamente o jogo foi o conector inicial do vínculo entre os participantes. A escolha de um jogo desconhecido, sugere curiosidade e vontade de aprender. Na escolha observou-se que a fala de um membro (Laura) produziu efeito sobre o outro (Luiz Fernando) à medida que este aceitou a sugestão para fazer a escolha. Por intermédio do efeito entre discursos compartilharam a escolha do jogo, a decisão de interrompê-lo e o motivo da interrupção; foram formando assim um vínculo intersubjetivo. Os acordos que surgiram entre os integrantes do grupo confirmam Panhoca⁵ quando refere a riqueza do grupo como contexto sociocultural que “ajuda a criança a adquirir ações socioculturais e de linguagem”. A respeito, Berenstein e Puget³ consideram que é em torno dos parâmetros socioculturais registrados no mundo psíquico infantil que se

estabelecem acordos e pactos inconscientes, o que, como se vê, o grupo terapêutico vem facilitando para os sujeitos estudados.

Encontro 3

A este atendimento compareceram Leandro, Laura e Luiz Fernando. Nesta sessão utilizou-se apenas o recurso do diálogo. Os temas flutuaram, inicialmente, entre escola e férias. Comentam sobre sua melhora no desempenho escolar e sobre os efeitos de frequentarem o grupo de terapia fonoaudiológica, fazendo, pela primeira vez, referência a seus problemas de linguagem. Laura, em relação à escola, diz "... até disseram para a minha mãe que eu melhorei muito". Depois, dirigindo-se a Luiz Fernando: "assim... como é que tá aqui? Ele responde: "eu acho o melhor bom" e Laura: "tem que dizer o porquê é bom", Luiz Fernando: "Ah, pol, pol... porque tá me ajudando na fala. A seguir falaram sobre diferenças sócio econômicas, quando, a propósito das festas de fim de ano e dos pedidos que cada um gostaria de fazer, se pudesse, Luiz Fernando disse: "e, e ...eu ia estudar numa escola de rico! A terapeuta pergunta porquê. Laura diz: "ah, eles são ricos e nós somos diferentes". A terapeuta quer saber que diferença é essa e Laura aponta para Leandro dizendo: "fala aí". Leandro devolve para Laura: "eu já falei bastante, fala você. Laura: "eu também já falei bastante então fala você (para Luiz Fernando), ah, é justo vai, (...) você falou menos e foi você quem falou que queria ser rico". Luiz Fernando: "ta, ta, ta. É que sei lá. Mi, mi, mi...minha mãe diz que as outras escolas são melholes. Que a que eu tô, tem muita bagunça e bliga". Laura e Leandro concordaram com isso. A terapeuta disse então: "é, vocês viram como a gente sabe o porquê a gente coloca um assunto? Luiz Fernando responde: "é...é, viu eu sei porquê." Terapeuta diz: "vocês querem dizer mais alguma coisa ou podemos encerrar por hoje? Luiz Fernando responde: podemos! Agola que eu falei podemos. Acho que eu tava tímido".

Análise

Ao abordarem a melhora na fala e no desempenho escolar, Laura e Luiz Fernando demonstraram entender que o trabalho fonoaudiológico está tendo efeito favorável sobre eles. Mostraram, assim, a exemplo do que dizem Berenstein e Puget³, que ascendem a um projeto vital compartilhado, ligado ao sentido da terapia em suas vidas.

Nesta sessão, como na anterior, ocorreram acordos sobre quem deveria falar. O diferencial foi que nesta a mediação não foi realizada apenas pela terapeuta, mas também por Laura. A vinculação entre os integrantes já lhes permite questionar uns aos outros e realizar esses acordos sem ter a interferência de um adulto.

Um outro aspecto que se destacou foi que a terapeuta, assumindo seu papel de capturar os sentidos e evitar a dispersão⁶, valorizou a negociação para esses acordos. O efeito positivo disso para a linguagem foi de que, no momento seguinte, Luiz Fernando mostrou entusiasmo por ter concluído um pensamento e assumiu, perante os outros dois integrantes, seu sentimento de timidez. Isso sinalizou o surgimento da capacidade de lidar com seus sentimentos perante o grupo e permitiu a interação afetiva entre os membros. Segundo Zimmerman¹ é isso o que possibilita aos sujeitos estarem inseridos em grupos sociais, num jogo dialético entre suas próprias identidades, a identidade do grupo e a identidade social. Vemos nesta sessão a confirmação da idéia de Santos⁷ quando afirma que o grupo possibilita, através da relação entre todos os integrantes, que cada paciente se perceba como produtor de linguagem verbal, a exemplo do que ocorreu com Luiz Fernando. A eficácia do processo terapêutico tanto para o desenvolvimento de linguagem como para o amadurecimento emocional vai se delineando.

Encontro 4

Essa sessão ocorreu após duas semanas de férias, a ela compareceram Laura, Leandro e Lucas. Laura começou a contar: "(...) eu tava jogando lá e tem umas mulher lá que fala que só porque eu e minha irmã joga bola e anda com os menino, ela fala que nós somos sapatão (...). É, só por isso, eu 'muquetei' ela, eu bati nela, ela vem zuar eu (...), eu falei que tinha muita mulher que jogava futebol e disse que mesmo que eu fosse ela não tinha nada que vê com a minha vida. Preconceito né?"

Isso definiu o tema da sessão que foi o preconceito. A esse respeito Laura afirmou que: "preconceito é tudo, até falarem de minha fala é." e Leandro concordou: "para mim também e não pode."

A terapeuta propôs que escrevessem sobre preconceito e eles aceitaram imediatamente, diferentemente de outras vezes em que propostas de escritas foram rejeitadas. Depois os integrantes leram e comentaram seus textos. Leandro leu: "Eu

não gosto de provocar o outro. Pessoas preconceituosas quer xingar de veado e bolota e travesti”. Lucas: “Então me chamá de polinha também é preconceito? Laura: “E”. Então a terapeuta pergunta: “Como a gente conversa com as pessoas que tem preconceito?” Laura e Lucas responderam que bateriam na pessoa e Leandro propôs: “e se a gente conversasse com as pessoas?” Então Laura disse: “Ah! eu falei pra mulher que não era só porque eu jogava bola que eu era”. A terapeuta então pergunta: “como você se sentiu depois? Laura: “aaah, aliviada”; e Leandro opina: “talvez ela se sentiu melhor não porque bateu, mas porque falou.”

Análise

O tema abordado possibilitou que os membros do grupo compartilhassem e, portanto, se vinculassem, a partir de um aspecto que descobriram ser comum na sua vivência em sociedade, o preconceito. Laura e Leandro concordam que o preconceito também pode ocorrer no âmbito da fala e dão pistas de compartilhar seu sofrimento diante de ações sociais que consideram inadequadas. Lucas e Laura compartilham a reação física de querer bater em quem os faz sofrer. Sobre esses vínculos vale lembrar Rodrigues (apud Friedman e Passos)¹, quando menciona que, no grupo, compartilhar o sofrimento tem a capacidade de diminuí-lo. Também vale considerar o mecanismo de identificação introjetiva proposto por Pichon-Rivière⁴, uma vez que vimos situações exteriores de preconceito permitirem associações com a história pessoal dos membros do grupo e reforçarem o emocional do momento, para se transformarem a partir da identificação com o outro. Tudo isso mostra o funcionamento integrado das subjetividades, que como diz Kaës², organiza-se de modo inconsciente, por intermédio das identificações.

Nessa sessão, o tema preconceito funcionou como conector do grupo². Vimos ainda, concordando com Lores⁶, que os membros do grupo puderam assumir o papel de co-terapeutas, o que ocorreu com Leandro quando propôs a Laura e Lucas a posição mediadora de conversar diante de sentimentos agressivos gerados pela situação de preconceito. O espaço grupal e as vinculações

entre os sujeitos vai permitindo a emancipação dos seus componentes.

Encontro 5

Nessa sessão todos os integrantes estão presentes desde o início e logo desencadeia-se uma conversa sobre as escolas de cada um. Lucas diz: “eu priko também porque falam do meu cheito de falar. Ai eu fico prafo.” Laura diz: “ah, o meu também. Elas provocam de todo o jeito”. Luiz Fernando comenta: dá, dá...dão apelido e Leandro concorda: “é a mesma coisa”.

Procurando explorar mais o contexto a terapeuta diz: “como é isso para vocês?” Laura responde: “é ruim! Mas eu ponho outro [apelido]”, Lucas diz: “eu também” e Luiz Fernando: “é isso”. Então Laura diz: “é, mas que nem a gente já falou, eu às vezes falo para eles verem que eu não tô nem aí, porque esse é meu jeito. Não era isso que falamos?” A terapeuta confirma e pergunta “Vocês se lembram?”. Lucas diz: “é, mas ainda não consigo só confesar ou pala falar que não é, mais sem ofender, ou pra mostrar que eu não tô nem ai. Eu fico pafo e tiste.” Laura reforça: “mas você tem que fazer, porque se não você ta concordando com eles.” Lucas concordando: “eu fou tentar.”

A conversa desliza então para o desempenho de fala, o desempenho escolar em casa e o efeito de participar do grupo. Leandro diz: “é agora tá melhor. Mas minha mãe reclamava do meu jeito até para ler.” A terapeuta pergunta a Leandro o que está diferente e Leandro responde: “por que antes a minha mãe reclamava e ai eu não lia mais. Agora ela já entendeu que é assim que eu leio. E ela até fala que eu tô lendo melhor. Luiz Fernando então diz: “a, a...a minha mãe falou que eu não posso deixar de vir. Pó, pol...l que ela já esta vendo que eu melhorei” e Laura: “minha mãe falou que eu melhorei porque parei de atropelar as palavras, só de vez em quando, quando eu tô nervosa que eu falo assim, muito rápido.”

Análise

Todos os integrantes do grupo se vincularam em torno das reações dos outros ao seu modo de falar. Laura, Lucas, Luiz Fernando compartilham a reação de revidar na mesma moeda a quem lhes

¹ Rodrigues (2005) APUD – Friedman S, & Passos MC. O grupo terapêutico em fonoaudiologia: uma experiência com pessoas gagas adultas, In: Santana AP, Berberian AP, Guerinello AC, Massi G (orgs.). Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações. São Paulo: Plexus Editora; 2007.

põe apelido. Na seqüência da conversa, entretanto, assumem uma nova posição e mostram estar em processo de aceitação de si mesmos, de seu modo de falar. Esse caminho foi mediado por Laura que, funcionando como co-terapeuta, lembrou ao grupo o que foi trabalhado em sessões anteriores.

Nesta sessão é Lucas quem vai assumir suas emoções perante o grupo compartilhando e, abrindo espaço para lidar com elas, ao enfrentar o fato de ficar triste e não conseguir reagir de modo mais assertivo perante o outro que o discrimina.

Os pontos comuns das vivências com a fala, seja na escola ou em casa, que suscitaram reações dos outros, revelaram também singularidades, visto que para cada um isto se deu num contexto particular. Ficou claro que todos os integrantes compartilham uma dor pela discriminação ao seu modo de falar e também que o contexto grupal começou a dar acesso à possibilidade de transformar os modos como os integrantes se relacionam com os grupos externos. A vivência escolar e familiar funcionou, nessa sessão, como um conector² e permitiu a identificação introjetiva⁴.

Grupo 2

Encontro 1

Ao primeiro atendimento compareceram todos os integrantes do grupo. A terapeuta pediu que se apresentassem. Depois perguntou o que mais gostariam de falar. Graziela disse que ela e Gabriel estudavam na mesma escola. Gustavo, que estuda em uma escola diferente, pergunta à terapeuta se os dois estavam na mesma sala. A terapeuta devolve a pergunta a Graziela e Gabriel. Gabriel conta, que eles não se conheciam e Graziela acrescenta que eles nunca haviam se falado. A terapeuta diz: “Vamos conversar sobre o porquê estão aqui na fono?” Graziela responde: “Minha mãe diz que eu falo rápido e errado e que não dá pra entender nada”. Gabriel diz: “A minha... diz que eu falo estranho.” Gustavo: “Lá em casa dizem que eu sou burro, porque não sei ler e escrever direito e também falo embolado”. A terapeuta pergunta quem disse isso e como eles se sentiram. Gustavo disse que era seu pai e que para ele isso era ruim. Graziela disse que era seu irmão e a sua mãe e que ela batia e xingava seus irmãos. Gabriel disse que era “zoado” pela irmã mais velha e que pôr ser menina não podia bater nela.

A terapeuta retoma o motivo que levou cada integrante do grupo à terapia fonoaudiológica. “Vocês acham que têm alguma dessas dificuldades que as mães de vocês falam que vocês têm? Graziela responde: “eu acho que não... acho que minha mãe fala pra implicar comigo, porque ela só protege os outros, eu não”. Gustavo: “ahhh todo mundo fala não é só minha mãe”. Gabriel: “pra mim eu falo que nem todo mundo, mas minha mãe fala que não, que eu pareço uma criança falando, que é estranho e feio...” Diante disto, a terapeuta pergunta: “Bom vocês que não acham.... o que vocês acham que vão fazer aqui? Graziela responde: “ahhh... é minha mãe falou que eu vou melhorar”. Gabriel: “É”. Gustavo: “A minha também”. Então a terapeuta questiona o grupo: “Como é ter que melhorar algo que a gente não percebe? Gabriel: “Sei lá.” Graziela e Gustavo sorriem. A terapeuta conclui: “Primeiro acho que precisamos perceber isso né?! Precisamos entender o que está acontecendo...” Graziela diz: “Pensando bem... é isso”.

Análise

Diferentemente do primeiro, neste grupo, logo após as apresentações, quando os integrantes falaram sobre estarem ou não na mesma classe e na mesma escola, vemos surgir um jogo dialético entre a busca de identidade individual, grupal e social, configurando a interação efetiva que marca a constituição de um grupo¹.

O tema central da sessão, trazido pela terapeuta, foi o motivo de estarem iniciando uma terapia fonoaudiológica. Compartilham, como os membros do grupo¹, o fato de seus pais perceberem neles dificuldades de linguagem e a vontade de bater naqueles que zombam deles, evidenciando os aspectos comuns das subjetividades².

Encontro 2

A essa sessão compareceram todos os integrantes. A terapeuta ao chamá-los na sala de recepção percebe que todos estavam juntos conversando sobre um jogo. Entram na sala e ela lhes pergunta sobre esse jogo, na seqüência o grupo propõem jogar. Gabriel puxa o jogo Qual é a Música, anunciando sua escolha. Gabriel e Graziela concordam. Como não sabem como jogar, a terapeuta sugere que façam uma leitura das regras antes. Gustavo pergunta “Quem vai ler? Um de nós?” A Terapeuta sugere que cada um leia um pouquinho. Gustavo diz: (...) “Ai o que eu vou fazer, como eu vou ler

isso? Ó já vou avisar, vocês não vão conseguir entender nada, e eu tenho muita vergonha (leva a mão ao rosto).” A Terapeuta responde: “vamos lá Gustavo... nós vamos entender sim e qualquer coisa se você quiser podemos te ajudar” e Graziela concorda: “é mesmo”. Gustavo dá início à leitura e após ter lido uma parte interrompe afirmando que estava gaguejando e que era a vez de Graziela. Graziela sugere uma leitura silenciosa para explicar depois e Gabriel então sugere que ela faça a leitura integral. Questionado pela terapeuta se ele não iria ler, responde que na última vez havia lido um texto. Ao terminar a leitura Graziela explica que é necessário escolher quem seriam os jogadores e quem seria o apresentador. Gabriel propõe a terapeuta como apresentadora, mas Graziela diz que ela também gostaria de sê-lo. Os meninos concordam. Ela acaba de explicar as regras até a fase 2 e diz que não lembrava do resto. Gustavo propõe que se jogue até essa fase e quando chegarem à fase 3 retomem as regras.

Análise

Observamos que os integrantes do grupo já estavam interagindo fora da sala de terapia. Isso mostrou o estreitamento da vinculação, a partir do compartilhamento de interesses pessoais, que revela o funcionamento integrado das subjetividades organizando-se de modo inconsciente, por intermédio de identificações².

A vinculação permitiu compartilhar e realizar acordos para desenvolver a atividade proposta, que era a leitura das regras do jogo. Isso permitiu o auto-questionamento de Gustavo quanto ao seu jeito de ler. Vemos assim, como no grupo 1, que a mediação deixa de efetivar-se exclusivamente por intermédio da terapeuta.

O jogo, novamente funcionou como conector do grupo e permitiu a Gustavo mostrar seu sofrimento diante da leitura, revelando seu vínculo com grupos externos ao da terapia². Graziela, por sua vez, embora não tenha verbalizado sobre seu sofrimento, sugeriu sua possível presença ao esquivar-se de ler em voz alta. Evidencia-se, como no grupo 1, que compartilhar o sofrimento tem a capacidade de torná-lo mais tolerável (Rodrigues 2005, apud Friedman e Passos, 2007)^a.

Pichon-Rivière⁴ afirma que toda situação vincular inclui a noção de papel transitório, com função determinada e em uma situação determinada. Isso pode ser observado quando Graziela deseja

assumir um papel de liderança, como apresentadora do jogo e Gustavo assume o papel de organizador com relação ao modo de administrar as regras conhecidas e desconhecidas do jogo.

Encontro 3

Este atendimento inicia-se apenas com a presença de Gustavo. Graziela e Gabriel não compareceram. Gustavo começa dizendo à terapeuta que havia coisas que gostaria de falar para ela, a terapeuta lhe pergunta o que aconteceu? Gustavo conta que o fato de seus primos estarem indo estudar na mesma escola que ele era uma coisa ruim (...). A terapeuta lhe pergunta o porquê e Gustavo responde: (...) “porque as pessoas falam do meu jeito de ler, falam que não dá pra entender. E agora com meu primo e irmão lá vão ficar falando que nem meu pai, minha mãe e minha tia, que eles falam bem melhor que eu. (...) quando eu vou mal na escola a professora chama, aí ela fala pra minha mãe um monte de coisa e fala que eu falo ruim e leio ruim. Minha mãe fala que sabe e que meu irmão, que é menor que eu, é melhor e que ela não entende nada do que eu falo e leio”.

Então a terapeuta propõe a Gustavo que ele converse com sua mãe a esse respeito e Gustavo diz: (...) “o que eu vou falar se ela não gosta de mim”. A terapeuta explica que o fato de sua mãe falar sobre seu modo de falar não significa que não goste dele. Gustavo insiste: “ela não gosta porque eu não sei ler”. A terapeuta o questiona: “Não sabe? Mas você leu aqui, lembra?” Gustavo concorda: “é”. Terapeuta: “então não é que você não sabe ler”. Gustavo: “é mas então...mesmo assim ela não gosta de mim porque eu não leio igual os outros”. A Terapeuta lhe responde: “é claro, você não é igual os outros. Já pensou se todas as pessoas fossem iguais? Cada um tem mais facilidades para uma coisa e dificuldades em outra”. Gustavo concorda: “é sou bom no futebol. Terapeuta: “tá vendo” Gustavo conclui: “ahhhh... então acho que entendi eu posso ter dificuldade para ler e falar as vezes, mas não é que eu não sei, porque eu leio e falo... aqui né??? E eu tenho outras facilidades... que é o que eu sei fazer...e que ninguém é tão bom quanto eu”. Terapeuta: “é, legal”.

Em seguida Gustavo menciona que há outra coisa que o estava deixando triste e refere ao fato de seu pai ter lhe dito que ele não era seu filho. Gustavo conta que pediu ao pai para ficar com um filhote de cachorro num momento em que ele

estava bravo. O pai gritou, disse que ele só dava problema e que ele não era seu filho. A terapeuta lhe pergunta como tinha sido ouvir isso. Ele lhe responde: “eu fui pro quarto e chorei”. Terapeuta: “foi difícil então”. Gustavo: “minha mãe falou que era mentira, na hora, e lá eu fingi que nem liguei. Sabe assim, que nem me importava se ele era meu pai (...). Mas eu me importo”. Terapeuta: “eu sei que é difícil e que você ficou chateado”. Gustavo expressa sua vontade de sair de casa e pergunta a terapeuta se seu pai tinha dito aquilo sem querer. A terapeuta lhe devolve a questão, em seguida diz que atitudes como sair de casa não resolvem esse tipo de problema. Gustavo conclui dizendo que achava que seu pai havia dito isto sem querer, mas que mesmo assim tinha ficado triste e sua mãe também. Diz ainda que não iria sair de casa. Gustavo refere ainda à ausência dos outros integrantes e diz sentir falta deles, diz também que prefere o grupo quando todos vêm, pois assim podem trocar idéias.

Análise

Mais uma vez Gustavo fala de suas vivências em grupos externos ao da terapia e compartilha sua singularidade subjetiva². Mostra que tanto com o grupo familiar próximo (pai e mãe) como com o estendido (primos e tia) se estabelecem vínculos por meio do sentimento de cobrança, que o remete a um sofrimento em relação ao seu uso de linguagem. Vemos também sua receptividade ao que lhe diz a terapeuta, à medida que, com bastante facilidade, reconhece-se como pessoa com dificuldades, mas também com qualidades.

Outro sofrimento significativo para a constituição da subjetividade de Gustavo aparece quando ele compartilha com o grupo o fato de seu pai ter negado sê-lo. Novamente vemos que o acolhimento da terapeuta permite um bom vínculo, ele compartilha com ela o que não revelou à sua mãe: “lá eu fingi que nem liguei” “mas eu me importo”, “fui pro quarto e chorei”. Compartilha sua dor e pode, desse modo, aliviá-la.

Podemos considerar ainda que Gustavo revela sua vinculação com Graziela e Gabriel quando refere que sente falta da presença deles no grupo. Como para o grupo anterior também aqui se evidencia a articulação entre o desenvolvimento emocional e o de linguagem ao longo do processo terapêutico.

Encontro 4

Graziela, Gustavo e Gabriel retornam aos atendimentos após as férias e este foi o tema inicial desta sessão. Todos começam a falar sobre o tema e a terapeuta solicita que falem um de cada vez para que ela possa entender. Pergunta ao grupo quem será o primeiro e Gabriel lhe responde: “ela” (apontando para Graziela). Graziela começa a contar que passou o Ano Novo na praia e fez um pedido a Yemanjá. Gabriel lhe pergunta quem é Yemanjá? Graziela responde que é uma santa do mar e que no Ano Novo se fazem pedidos a ela. Em seguida Gabriel coloca que é sua vez de falar e estabelece a seqüência das falas: “agora eu (...) uma vez de cada (...) aí depois é o Gustavo”. O grupo concorda com Gabriel. Ele relata sobre onde passou o Natal e Ano Novo. a seguir aponta para Gustavo dizendo que era a vez dele. Gustavo também relata onde passou o Natal e o Ano Novo. A Terapeuta retoma a fala de Graziela dizendo que Yemanjá era uma Santa de um tipo de religião e que haviam outras religiões: Gustavo revela: “é eu sou evangélico”. Gabriel diz: “iii eu nem sei o que eu sou.... eu não vô para igreja nenhuma”. Graziela diz: “é eu sou espírita”. A Terapeuta acrescenta: “é além da religião espírita, da evangélica, também tem a budista, a católica e outras. A religião faz parte da nossa cultura, normalmente seguimos a religião de nossos pais” Gabriel diz: “vou ver com a minha mãe o que ela é...” Gustavo então pergunta a Graziela o ela havia pedido a Yemanjá e ela diz: “eu pedi para ela levar meu irmão para ele ir morar lá na Bahia com minha tia”. A terapeuta lhe pergunta o porquê desse pedido: “porque ele é um pentelho (...) assim pelo menos ele deixa minha mãe mais pra mim” (...) “é que senão ele fica grudado nela o tempo inteiro e só faz o que ele quer.” Na seqüência Gabriel coloca que é sua vez de falar e diz que gostaria de morar com seu pai que vive em outra cidade. Diz que tem muita saudade e que gostaria que a mãe também morasse lá “porque eu poderia ficar com os dois, mas ela num quer”. Então Graziela comenta “é pai e mãe só complica viu. Ahhh e irmão também”. Gustavo concorda: é mesmo, eu fui lá pra praia aí minha mãe não queria ir, aí meu pai queria. A minha irmã não queria, porque queria ficar com o namorado e minha mãe não queria deixar ela sozinha. Viu como irmão, pai e mãe complica”. A terapeuta pontuou que parecia que eles queriam ter mais a atenção de suas mães. Graziela concorda e comenta sua vontade de ser

filha única. Gustavo também concorda, dizendo que “seria mais fácil”. Gabriel por sua vez, coloca que vive a situação de ser filho único, já que sua irmã não mora com ele e assim sua mãe lhe dá atenção e ele acha bom. Disse ainda que não gostava quando sua irmã aparecia em casa porque tudo passava a ser feito para ela, do jeito dela. Isso leva Graziela a confirmar: “ta vendo, por isso eu fiz meu pedido. A terapeuta questiona: “porque será que vocês querem atenção da mãe só para vocês?” Gabriel responde: “porque aí ela faz tudo que a gente quê” Gustavo: “é e não tem que dividir nada (...) ahhh e também não ia comparar eu com ninguém” Graziela: “isso é verdade” Gabriel: “é mesmo”.

Análise

Observamos, de acordo com Pichon-Rivière⁴, que nessa sessão Gabriel ocupou o papel de organizador do grupo. Foi ele quem realizou várias mediações entre os membros do grupo. O tema abordado por Graziela quanto a Yemanjá não era do conhecimento de todos os integrantes do grupo. Gabriel explicita isso, e permite que surja uma explicação, favorecendo a expansão de linguagem. Por meio dessa expansão, os membros do grupo encontram vínculos subjetivos relacionados à religiosidade, cada membro tem uma posição pessoal diante da religião. Isso, como afirmam Berenstein e Puget³, mostra o estabelecimento do vínculo regido por modelos socioculturais que implicam elementos constantes.

A esse respeito podemos considerar, a partir de Kaës², que a “articulação entre sistemas psíquicos complexos regidos por níveis de organização e funcionamento heterogêneos”, torna possível “as continuidades entre as formações e processos de um espaço psíquico para outro” pelo fato da heterogeneidade ser parcial em função dos modelos socioculturais que implicam elementos constantes entre as subjetividades. Isso se evidenciou a partir do tema religião que, nessa sessão, funcionou como conector² para o grupo. O tema família também teve essa função.

Podemos observar ainda que, nessa sessão, ocorreu um vínculo de compartilhamento entre Graziela e Gustavo relativo à vontade de serem filhos únicos, o que incluiu Gabriel pela vivência de ser filho único de fato. Compartilharam também o sentimento de não querer dividir a atenção da mãe, marcando, mais uma vez, aspectos comuns entre as subjetividades.

Por fim, Gustavo mostra mais uma vez o vínculo que se estabelece com o grupo familiar por meio da cobrança, quando diz que seria bom ser filho único, porque assim não haveria comparação. Como se vê, os vínculos vão permitindo o deslizamento do discurso e favorecem o desenvolvimento de linguagem.

Encontro 5

Nesta sessão Graziela, Gustavo e Gabriel chegaram atrasados para a terapia. Ao chegarem, entraram juntos e explicaram que estavam atrasados porque foram comprar chiclete. Gustavo: “é que a gente chegou muito cedo aí fomos ali na frente. Só que aí perdemos hora”.

Em um outro momento, o grupo havia pedido para assistir a uma das sessões que estavam sendo gravadas para esta pesquisa. Na última sessão haviam feito isso, mas não tiveram tempo para comentar o que viram. A Terapeuta lhes propõe que falem um pouco sobre a gravação: “Como foi ver vocês em terapia?” Gabriel: “ahhh...eu achei...estranho”. Terapeuta: “Estranho? Estranho como? Gabriel: “ahhh assim...ééé...eu falo mesmo daquele jeito?” Terapeuta: “Qual jeito?” Gabriel: “ahhhh... sei lá... chiado”. Terapeuta: “você achou isso?” Gabriel: “é achei...” Terapeuta: “e vocês o que acharam?” Graziela: “achei que eu também falo estranho. Assim meio chiado e enrolado”. Gustavo: “é...é ‘mó’ confuso pra entender o que eu falo e o que leio também”. Terapeuta: “Nossa vocês perceberam tudo isso?” Graziela: “da minha parte confirmou que minha mãe tinha razão (...) e eu achava que era só pra me encher o saco que ela falava de como eu falava.” Gabriel: “é eu nunca tinha parado pra me ouvir. E eu nem achava que eu falava assim. Terapeuta: assim? Gabriel: “é assim como a minha mãe dizia que eu falava. Bebê que fala assim, né? Putz vou ficar encaçado...” Gustavo: “é, todos tinham razão. Mas não esqueci que a gente falou aquele dia que vim sozinho... e, ainda vale?” Terapeuta: “claro que vale (...) conte para eles”. Gustavo: (...) “Então é que nesse dia eu tava ‘mó’ triste porque falavam de mim. Aí aqui a gente falou que tem gente que tem dificuldade em algumas coisas, mas isso não é que é burro, ou anta. E também tem qualidades em outra coisa. Terapeuta: “tem coisas que algumas pessoas fazem com mais facilidade e outras com mais dificuldade” Gustavo: “é, para mim... o que é mais é ler” Graziela: “ahhh pra mim é agüentar minha mãe falando que eu falo

estranho”. Gabriel: “é ...acho que é isso também”. Terapeuta: “é por isso que estão aqui, para superarmos isso que está difícil. (...) E o que é fácil?” Graziela: “dançar (...) e é vídeo game”. Gabriel: “pra mim é fácil matemática”. Gustavo: “para mim jogar bola e computador”. Terapeuta: “Estão vendo... quantas facilidades, quantas qualidades vocês tem?” Graziela: “é..”.

Análise

Observamos que os integrantes do grupo, ao verem a sua própria gravação, descobrem que os outros percebem em suas falas algo que existe de fato, mas que eles ainda não haviam percebido. Desse modo, o que era uma demanda apenas de suas mães passa a ser demanda própria. Isso favorece a motivação para o trabalho fonoaudiológico. A exemplo do que dizem Berenstein e Puget³, os integrantes ascendem, neste momento, a um projeto vital compartilhado, compreendendo o sentido da terapia em suas vidas.

Nessa sessão, portanto, formaliza-se um vínculo entre os integrantes do grupo em torno da dificuldade que agora, todos reconhecem em si mesmos. Isso, segundo entendemos, dá um sentido pessoal à terapia que realizam, ou seja, não a realizam mais apenas porque a mãe ou algum adulto acha que precisam dela. Um salto qualitativo na constituição de subjetividade² ou na constituição da identidade individual¹ tem lugar, assim, para os 3 participantes. Isso também compõe o que Kaës² chama de psiquismo do grupo e dimensão coletiva da subjetividade ou o que Zimerman¹ chama de dimensão da identidade grupal e social.

Esse salto qualitativo na constituição da subjetividade singular e coletiva, é tomado por David⁸ como momento que parece possibilitar a expansão da capacidade de interação entre os integrantes, modificando suas relações com os outros. De fato, como vimos, os três integrantes do grupo se encontraram antes da sessão e ficaram tão envolvidos entre si, que acabaram perdendo a hora, chegando atrasados e, ao mesmo tempo, bastante motivados para prosseguir com o trabalho fonoaudiológico.

Gustavo mostrou expansão em sua capacidade de interação quando trouxe de volta para a presente sessão, de modo muito pertinente, sua percepção de que todos têm dificuldades e qualidades. Proporcionou assim o envolvimento dos outros membros e fez explicitar as dificuldades e necessidades deles que são semelhantes às suas.

As vinculações vão explicitando, assim, o movimento conjunto de construção de subjetividade e linguagem.

Conclusão

Partindo da definição de Berenstein e Puget³ que entende vínculo como uma “estrutura inconsciente que une um ou mais sujeitos (...) em base a uma relação de presença”, pudemos concluir que essa estrutura inconsciente foi-se configurando nos grupos aqui estudados, a partir:

- de elementos que exerceram a função de conectores do grupo², que foram objetos concretos como os jogos e também temas de conhecimento mútuo como preconceito, religião e vivência familiar, além de acordos e regras compartilhados;
- dos papéis assumidos⁴ pelos participantes do grupo que foram os de líder, mediador, organizador e co-terapeuta;
- do compartilhamento de vivências comuns como no caso da discriminação sentida em relação às falas dos participantes e do compartilhamento de interesses e sentimentos tais como a cobrança dos grupos externos e o sofrimento em relação à fala;
- da ascensão de um projeto vital compartilhado Berenstein e Puget³ como o de encontrarem motivação para a terapia por perceberem que de fato tinham problemas de fala; o de perceberem que melhoraram tanto na fala como no desempenho escolar.

Pudemos concluir ainda que o processo de configuração de vínculo no âmbito terapêutico fonoaudiológico foi um processo de desenvolvimento tanto de atitudes socioculturais como de linguagem. Isto organizou-se por meio de acordos, negociações, pedidos de licença e se materializou por um aumento de verbalizações entre os integrantes do grupo se compararmos as últimas sessões com as primeiras.

Referências bibliográficas

1. Zimerman DE. Fundamentos básicos das grupoterapias. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. p. 22-233.
2. Kaës R. O grupo e o sujeito do grupo. Elementos para uma teoria psicanalítica do grupo. Trad. José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: casa do Psicólogo, 1997.
3. Berenstein I, & Puget J. Lo vincular. Clínica y técnica psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós; 1997
4. Pichon-Rivière E. Teoria dos vínculos. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes; 2000.



5. Panhoca I. O grupo terapêutico-fonoaudiológico e a literatura infantil – constituindo um saber. *Distúrbios da Comunicação* 1999; 11(1): 29-57.
6. Lores C. Grupo de crianças e de familiares: uma perspectiva de atuação fonoaudiológica em unidade básica de saúde. [dissertação de mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2000.
7. Santos VR. Fonoaudiologia e grupo: construção de um processo terapêutico. [dissertação de mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1993.
8. David RHF. A fusão das cores: o sentido terapêutico na clínica fonoaudiológica de grupo. [dissertação de mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2000.
9. Rodrigues, Pedro. *Hablan los Tartamudos*. Caracas, Universidad Central de Venezuela; 2005

Recebido em fevereiro/11;
aprovado em abril/11.

Endereço para correspondência

Silvia Friedman

R. João Alberto Moreira, 38 – Jd. das Bandeiras
São Paulo

E-mail: silfriedman@yahoo.com.br

